



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

MOSAICOS ESCRITOS E PAPÉIS AVULSOS: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA E MANUSCRITOS

Mírian Gomes de Freitas¹

INSTITUTO FEDERAL DO AMAZONAS

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de propor reflexões sobre a memória e os manuscritos, discutindo questões significativas acerca do assunto. Tais questionamentos apresentados retratam a existência dos estudos genéticos em relação ao texto, às suas origens e a sua sobrevivência enquanto manuscritos, diante do desenvolvimento tecnológico e das constantes mudanças do cenário atual. Analisa a existência, o conceito e a permanência dos manuscritos frente às arbitrariedades da pós-modernidade e seus avatares letrados pela frequência *high speed*. Sob as teorias de Louis Hay, Jaques Derrida e Michel Foucault, se constroem o embasamento para sustentar as ideias e argumentos deste referido artigo, oferecendo uma visão mais ampla e detalhada da sobrevivência dos manuscritos no mundo de hoje e qual seu papel na construção de uma obra literária. Retrata também de maneira crítica e instigante, a importância da memória e suas características mais pungentes que elucidam a filosófica ideia dialética entre a “pulsão de vida” e a “pulsão de morte” de um texto, trazendo à superfície os impasses que surgem ao longo do percurso da vida do homem, o que faz transformar memória em fragmento e impulsiona os geneticistas e estudiosos a colocar em dúvida o lugar e a resistência dos manuscritos diante dos adventos da pós-modernidade.

PALAVRAS-CHAVE

Manuscritos, memória, pós-modernidade, sobrevivência.

ABSTRACT: This paper aims to propose reflections on memory and manuscripts, discussing significant issues concerning the subject. Such questions presented depict the existence of genetic studies on the text, its origins and its survival as manuscripts, before technological advances and changing the current scenario. It analyzes the existence, concept and permanency of the manuscripts to the arbitrariness of postmodernity and their avatars literate by high speed frequency. Under the theories of Louis Hay, Jacques Derrida and Michel Foucault, build up the structure to support the ideas and arguments of this article, providing a more comprehensive and detailed manuscript of survival in today's world and its role in building a literary work. It also portrays a critical and exciting, the importance of memory and its most poignant philosophical idea that elucidate the dialectic between the "pulsation of life" and "pulsation of death" of a text, bringing to the surface the impasses that arise along the course of man's life, which makes transforming memory in fragment and boosts geneticists

¹ Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora- MG. Ficcionista e poeta. Desenvolve estudos sobre as obras de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

and scholars to cast doubt on the place and the resistance of manuscripts before the advent of postmodernity.

KEY WORDS

Manuscripts, memory, postmodernity, survival.

"Escrevo-te em desordem, bem sei. Mas é como vivo. Eu só trabalho com achados e perdidos."
(Clarice Lispector)

Quando a autora de *A paixão segundo G.H.*² declarou em uma de suas únicas entrevistas sob um impulso de expressão que “o livro publicado é um livro morto” (Lispector, 1977), tem-se o entendimento de que não importa os meios pelos quais a obra foi escrita, tampouco como ela surgiu, mas só o fato de sua publicação é o suficiente para justificar tal existência que, aparentemente nasce e se encerra quando o fruto do trabalho do escritor se corporifica. Esta declaração de Clarice Lispector demonstra, segundo Benedito Nunes (1988), um despojamento em relação aos originais de sua obra literária, considerando que a maioria deles haviam se perdido sem nenhuma sobrevivência ou mesmo sem deixar nenhum rastro, o que dificultou muito para ele próprio, como para outros estudiosos, a realização das pesquisas acerca da obra dessa escritora. Sabe-se que os rascunhos, as múltiplas escritas e as páginas rabiscadas ou naturalmente redigidas pelos lampejos da mente e do pulso, representam, de acordo com Hay (2007), o processo de criação e suas nuances repetidas de palavras, pensamentos, grifos, ou seja, ilhoses que costuram o texto e o fazem vir à tona sob uma espécie de um desejo de expressão.

O estudo e a pesquisa sobre os manuscritos se caracterizou com pertinência e maior relevância na década de 1960, pois a partir daí entendeu-se que a obra de um escritor não é apenas o livro publicado, mas é todo um processo pelo qual a obra percorre antes de se tornar um material gráfico, uma ilusão visual limitada a determinada forma e conteúdo. Por isto é preciso observar e absorver o fruto literário em todas as suas etapas de amadurecimento,

² Romance de Clarice Lispector publicado em 1964.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

porque, para muitos pesquisadores e leitores, o conhecimento da obra demanda uma busca incessante e ousada pela sua gênese. Na verdade, os manuscritos não são um “punhado” de textos cheirando a mofo, ou mesmo a versão escrita à mão ou à máquina, de um poema, conto ou romance. Eles comportam uma infinidade de símbolos gráficos que representam o percurso pelo qual a obra passou antes de seu nascimento oficial. Muitas vezes aprende-se muito mais sobre a escrita de um autor, ao olharmos seus manuscritos, os quais apesar de revelarem pistas inacabadas, movimentos repetitivos, e trilhas incertas, apontam a sobrevivência de si mesmos, através de sua resistência ao tempo. Ainda que para Derrida (2001), a memória seja um recalque, “os papéis avulsos” acerca de uma obra, enfurnados ou não em pastas de papelão ou em carnês de documentos nas instituições públicas ou privadas, são nas palavras de Hay (2007, p. 73) “a terceira dimensão da literatura”.

O estudo da produção não nos proporciona somente uma informação suplementar: ela nos oferece um saber diferente. Fazendo-nos penetrar na terceira dimensão da literatura, a de seu devir, ela nos permite ver os diversos componentes da escritura - socialidade e individualidade, pensamento e inconsciente, língua e forma - na combinatória móvel de suas interações, da qual nasce o movimento de uma gênese.

Essa terceira dimensão mencionada por Hay alude ao olhar que se desloca diante do texto e sua gênese. Porque nele nada está definitivamente acabado. É, pois, como a luz que se desloca no escuro como os vaga-lumes de Pasolini. Não há descobertas transparentes nos manuscritos, pois há, sim, retalhos obscuros de onde se evocam todas as incertezas e fragmentos que, condicionam impulsos e revelações de fatos ou suposições cujos formam gradativamente o “retrato” que decodifica a obra e suas intenções, como um *puzzle* linear, o que evoca a ideia da “pulsão de morte”, porque segundo Derrida (2001, p. 23), “o arquivo trabalha sempre *a priori* contra si mesmo.” Por isso, ler um arquivo, requer uma construção e desconstrução pelo olhar do sujeito. Ao contrário da “obra acabada”, “morta”, os arquivos são o alicerce da produção, ou seja a planta-baixa do labirinto a que muitos se propõem a penetrar diante das buscas incessantes pela memória, a qual nada mais é do que o desejo fúnebre de lembrar o que não está mais vivo.

É imprescindível destacar que os manuscritos remetem à ideia de algo que precisa ser lembrado. Por isso há a necessidade de guardá-los, arquivá-los, mantê-los como uma página



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

da história ou um fato inesquecível. Porém, nem sempre a memória resiste às intempéries do tempo. Com a modernidade, o desenvolvimento da informática, dos arquivos eletrônicos, das redes hipertextuais de informação, a existência da memória se transforma em vácuo, porque não comporta as constantes diversidades de todo este turbilhão de coisas que se anunciam em movimento simultâneo, cegando-nos os olhos e a nossa esfera mágica que se intitula como “arquivo da memória.” Em uma comparação entre a memória humana e a eletrônica, sabe-se que a primeira sofre de instabilidade e a segunda, ao contrário, já possui estabilidade e potencial para armazenar informações de todos os tipos e sobrevive às mudanças e evoluções temporais.

Todavia, a Humanidade persiste em uma busca incansável e insaciável pelo reavivar da memória, o que demanda arquivar documentos, fotos, aparatos materiais e tudo que for necessário para mitificar a existência da *mneme*. Por isso a criação de instituições onde documentos, manuscritos e outros facilitam a lembrança daquilo que não pode ser apagado da memória política, literária e cultural de uma sociedade.

Como metáfora do desejo pela memória, a humanidade pode ser representada simbolicamente pelas “pequenas luzes” (*luciole*) que ainda, através de uma ou outra escuridão, sobrevivem iluminando os espaços pertinentes do cérebro, onde reside a memória. Nada melhor, do que ilustrar esta (re-) existência dos arquivos os quais metaforizam o desejo de guardar, memorizar, mostrar, despertar, canonizar a arte, as pessoas, as coisas, a partir destas palavras:

Primeiro, desapareceram mesmo os vaga-lumes? Desapareceram todos? Emitem ainda- mas de onde?- seus maravilhosos sinais intermitentes? Procuram-se ainda em algum lugar, falam-se, amam-se apesar de tudo, *apesar do todo* da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes? (Didi-Huberman, 2011, p. 45).

De fato, a máquina tem atrofiado a memória humana e ocupado um espaço significativo nas sociedades. Com isto, “a memória perdida” se estabelece, mas onde estariam mesmo as lembranças do tempo perdido? Proust, escritor francês de um prosa invejável, ousou sua mais renomada criação literária *A la recherche du temps perdu* (2002), cuja narrativa une os laços da memória com os do espírito. Contrário à ideia proustiana, a cada década que se passa, o mundo se move em direção ao progresso, e o os avatares da



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

modernidade assumem o lugar de peso quando se trata da armazenagem de dados, informações e ideologias tecnológicas. Todos os sobreviventes dessa humanidade fadada aos videogames e máquinas robóticas, desencorajam a memória de expressar em palavras seus diários e narrativas de sonhos e lembranças. Kafka,³ diferentemente dos demais, produziu seu livro *Sonhos* (2008), onde a memória vai ser alinhavada aos fatos cotidianos de sua vida pessoal. Segundo Freud⁴, ao interpretar os sonhos, revela-nos que a memória durante este processo é de grande significância para toda teoria do nosso arquivo mental. Afirma também que o que possuímos em nosso intelecto não pode ser totalmente perdido. Todavia, hoje, o que nos resta é o esquecimento, capaz de trazer à tona os lampejos da memória, ainda que fragmentados, pode resistir entre os cacos da memória. Porque com toda a sensação de multiplicidade que se torna cada vez mais frequente entre os homens neste atual contexto de avanços tecnológicos e mudanças constantes em relação à Era Moderna, é possível se sentir um “super homem” sob as mais variadas performances e identidades, e assim proclamar-se “imortal” através da existência que se julga inesquecível e almejada pelo desejo de ser lembrada. O modernista e poeta messiânico Mário de Andrade escreve:

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
As sensações renascem de si mesmas sem
repouso, Ôh espelhos, ôh! Pirineus!
ôh caiçaras! Si um deus morrer, irei no Piauí
buscar outro! Abraço no meu leito as melhores
palavras, E os suspiros que dou são violinos
alheios; Eu piso a terra como quem descobre a
furto. Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus
próprios beijos! Eu sou trezentos, sou trezentos-e-
cincoenta, Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas, *Só o
esquecimento é que condensa*, E então minha alma
servirá de abrigo. (Andrade, 1987, p. 18 [grifo
nosso]).

Quando Derrida (2001, p. 09) afirma que os arquivos são uma “pulsão de morte”, é

³ Escritor austríaco do século XX. Sua ficção é uma das mais importantes escritas em língua alemã.

⁴ Criador da psicanálise e autor de *O mal estar na civilização* (1929), cujo tema se relaciona à repressão que é imposta ao indivíduo pela sociedade.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

possível contemplar a ideia de que os mesmos também podem constituir o luto da memória. Luto porque, o que são os arquivos e os manuscritos a não ser aquilo que realmente tem necessidade de ser revivido através da morte? A sensação de nostalgia fica evidente quando se realiza uma visita aos carnês de documentos, cartas e outros de um escritor já morto. Vasculhar arquivos é muitas vezes uma atitude funesta e ao mesmo tempo capaz de revelações inéditas em relação à vida da obra e seus murmúrios mais alheios e imperceptíveis. Como em um pensamento ou sentimento dialético, Barthes em *Diário de luto* (2011, p. 11), escreve sobre a perda da mãe: “Primeira noite de núpcias. Mas primeira noite de luto?” Percebe-se que a “descoberta” de um arquivo também traz o mesmo sentido ambíguo (vida versus morte) que o escritor francês demonstrou na primeira página desse seu diário. Pois o arquivo tanto contém o impulso de *Thanatos* como o de *Eros* em uma similaridade com o antagonismo cristão que povoa a Terra desde sua gênese.

Por outro lado, a “pulsão de vida” que neles existe dão início à ideia de movimento e pluralidade, o que passa a redimensionar o texto e a escritura, diferentemente da noção de texto advinda do período medieval. Assim, quando se fala em crítica genética, os olhares se deslocam para a procura, as pegadas, os rastros do que ainda vive. Hay (2007) discorre que somente pelos manuscritos, o poeta do Romantismo alemão, Heinrich Heine,⁵ tornou-se mais ainda uma incógnita para os estudiosos de sua obra, pois foi preciso se debruçar sobre seus cadernos para encontrar pistas para as respostas e questionamentos sobre seus escritos: “A crítica genética fornece a chave e o caso Heine deixa ver como uma problemática e um método novos permitem dar um sentido e uma função a documentos que ficaram mudos durante mais de um século.” (Hay, 2007, P. 294 [grifo do autor]).

Sob esta perspectiva, é possível destacar a grande preocupação da crítica genética em relação aos arquivos eletrônicos, porque ao contrário das folhas soltas deixadas por Heine, dos manuscritos de Balzac, Joyce, Proust, Kafka, a escrita digital é uma ameaça à sobrevivência das páginas que compõem esse universo inexplorado da literatura. A facilidade do escritor perder seus próprios rastros, é cada vez mais evidente pelo fato dele arquivar tudo em uma

⁵ Heinrich Heine, poeta alemão, foi uma das mais fascinantes e contraditórias personalidades do século XIX. Teve seus polêmicos manuscritos organizados por uma equipe de pesquisadores ao final da década de 1960.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

máquina, de forma que o texto não necessite rasuras, reescritura, rabiscos, os quais constituem documentos de importante valor literário para os geneticistas.

Foucault (1972, p. 161) define que, em princípio o arquivo é “a lei do que se pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”. Mas ele também acrescenta que os mesmos funcionam de maneira que todas essas coisas ditas não se acumulem pela indefinição tampouco se percam com os acontecimentos externos. Para ele os arquivos devem manter relações múltiplas e representam não uma ideia de unidade, mas de coletividade. Portanto fica evidente a distinção comparativa que este autor propõe quando se refere à maneira como os manuscritos de ontem e os de hoje devem se relacionar diante das “coisas ditas”: “[...] o que faz com que não se recuem uniformemente com o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, enquanto que outras estritamente contemporâneas já são de extrema palidez”. (Foucault, 1972, p. 161).

Assim como o personagem de Borges, Funes,⁶ capaz de se lembrar das grandes e pequenas coisas, porém incapaz de abstraí-las e pensá-las, o homem contemporâneo é este amontoado de registros e informações digitais ou não, as quais são evasivas porque são numerosas e não tácteis, ou seja, impossíveis de se transformarem em experiência. Quantos “Funes” terão que morrer pela ausência de memória? Por isso a memória está muito mais relacionada ao intelecto e à experiência do que à matéria, e a morte dos que não se lembram pelo pensamento é, pois, como o desaparecimento dos vaga-lumes da era apocalíptica do cineasta Pier Paolo Pasolini e do filósofo Giorgio Agamben,⁷ que apontam para o contemporâneo como um nódulo maligno, uma certeza do Juízo Final, das impossibilidades de permanecermos humanos pela ausência dos lampejos de esperança e memória.

Baudelaire (2003, p. 28) já em sua época, não poupa seus instintos de percepção sobre esta metáfora devoradora que é o “Tempo.” Através dele, a memória tem se perdido, e nada escapa à angústia de saber-se mudo, vazio, diante da velocidade atroz dos ponteiros do relógio. Diz o poeta: É preciso estar sempre embriagado. Aí está: eis a única questão. Para não

⁶ Personagem que figura em um dos contos do escritor argentino Jorge Luís Borges, cuja memória automatizada e infalível nunca se esquecia de nada que estivesse relacionado ao mundo da matéria, da lógica.

⁷ Ambos intelectuais e escritores italianos. Pasolini foi um polêmico escritor e cineasta do século XX e Agamben, um escritor e filósofo dos dias atuais.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

sentirem o fardo horrível do Tempo que verga e inclina para a terra, é preciso que se embriaguem sem descanso. Com quê? Com vinho, poesia ou virtude, a escolher. Mas embriaguem-se.”

É preciso chamar a atenção para um problema. Como será possível a sobrevivência dos manuscritos diante dessa paisagem tridimensional que é o avanço tecnológico e seu impacto sobre a literatura? Ao considerá-los como um significativo material de pesquisa e também como um novo meio de interpretação da escrita, torna-se difícil pensar no seu fim. Entretanto, sabe-se que a resistência desses rastros insólitos irão enfrentar as consequências do progresso das tecnologias e a grande necessidade dos efeitos *high speed* de que o mundo tem sido alvo. É necessário engendrar uma reflexão acerca dos riscos de destruição e desaparecimento dos manuscritos e criar saídas para a tríade: arquivo-computador-escritor, e assim resguardar o espaço e a função da crítica genética, que tem se situado entre a cientificidade e a desconstrução, acusada de heresias, resistente aos comentários negativos da crítica passadista, e por final, sugere de maneira sintomática, um retorno à história.

O manuscrito é um objeto histórico que traz marcas do seu tempo, por isso representa um elo entre a obra e a História. A partir das descobertas dos percursos individuais pelos quais passam a produção do texto literário e os processos da escrita, a crítica genética faz suas abordagens inéditas acerca das interrogações e indeterminações que irão conduzir a respostas inovadoras. A história da gênese do texto se constrói na observação sobre a escritura de uma obra. De acordo com Hay (2007, p. 143):

Tais questões: - há ainda muitas outras- traçam um programa de pesquisas históricas para a crítica genética. Esta é, assim, chamada a trazer uma contribuição original (e imprevista) à atual renovação dos métodos da história cultural- e, por sua vez, dela tirar proveito para compreender na sua realidade as relações entre a obra de um homem e a história de uma civilização.

Entende-se que há muita coisa entre o ponto de partida e de chegada de uma obra. Nem tudo é cronológico e esclarecedor quando se trata de manuscritos. Há a chamada “paisagem interior” que está relacionada às operações mentais, as quais atravessam o texto e suas margens. Na verdade, trata-se de um diálogo do escritor consigo mesmo, que passa a ser



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

encarado não de maneira metaforizada, mas real. Quando acontece os *incipits*, os escritores e seu processo mental, atravessam lugares de turbulências e por desconhecidas razões, surgem palavras, ideias, traços que marcam a página e a história da gênese da obra literária. Poe (2009) comenta em relação ao processo de criação do poema *O Corvo*,⁸ que todo escritor tem suas próprias “ferramentas” para alcançar o texto. Ele, por sua vez, esclarece que considerou vários aspectos na composição de tal poema. Até atingir o seu ápice, sob a perspectiva de também “acertar” em cheio o gosto do público. Porém nem todos escritores se expressaram sobre seus respectivos processos de criação literária da mesma maneira que este autor. Contudo a leitura de seus manuscritos apontam as pistas da construção deste referido poema. O mais “sagrado” para os geneticistas é justamente esses apontamentos que sugerem, mas não respondem de imediato as perguntas sobre como se dá a criação de um texto.

Portanto, Hay (2007) relata que os manuscritos apontam para o aleatório, quando nossos olhos se cobrem pela descoberta de importantes documentos, destecendo assim, a automatização de nossas leituras, que através destes, adquirem outras proporções que consistem na mudança de nossos hábitos de pensamentos. Portanto a “chave” para a entrada dos vários textos de diversos autores ainda permanece sob a penugem da escrita, que, em oposição às cifras e a códigos distintos, apresenta-se pelo insólito, pela gagueira, pelos inacabamentos, pelas rupturas. Estes entretons, e o “ser” e o “não ser” da escritura, marcam profundamente o diagnóstico da interpretação da obra desde seu nascimento (manuscritos) à sua plenitude (livro).

Clarice Lispector com seus livros “prontos” e com seus manuscritos inacabados, talvez não tivesse a ideia de que o inacabamento é também “um modo de existência da escritura, até mesmo uma necessidade.” (Hay, 2007, p. 226). De seus originais, apenas os de *Água-viva*⁹ e as diversas correspondências com Fernando Sabino e outros amigos, é que ainda restaram diante de sua “mania” de rasgar tudo. Além disso, a ausência do desfecho, do término, em sua escritura, para alguns críticos que povoam o cemitério da perfeição, pode parecer uma incompetência. Mas para outros, a obra dessa autora “termina” abrindo possibilidade para a existência de uma outra, através das frestas que a impulsionam a

⁸ Longo poema de Edgar Allan Poe, poeta do Romantismo norte-americano. No ensaio “A filosofia da composição”, o autor explica o processo de criação do referido poema.

⁹ Obra de Clarice Lispector publicada em 1973.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

prosseguir. Assim, tece a ideia de acabamento no inacabamento. Segundo Barthes o que está por detrás da condenação da obra descontínua é o mito da própria vida: “O livro deve “escorrer” porque no fundo, apesar de séculos de intelectualismo, a crítica quer que a literatura seja sempre uma atividade espontânea, graciosa, outorgada por um deus, uma musa [...]” (Barthes, 2007, p. 113). Em relação ao acabado e inacabado, a crítica genética tem se engajado na expectativa de abstrair dos escritores sobre tal impasse que vem adquirindo proporções significativas. Através dos manuscritos, dos inéditos e da própria obra, os geneticistas procuram as pegadas da criação, muitas vezes, na tecitura inacabada do texto.

O *incipit* e o *explicit* são dois momentos cruciais da escritura. São através deles é que a obra se cria. Todavia não possuem por completo a similaridade. O primeiro, é o processo mental e suas erupções ou apagamentos, já o segundo, é tudo aquilo que apresenta uma definição ou forma no relevo da expressão escrita. Ambos fazem parte do processo da escrita, ou seja, da pulsão “vida e morte.” Neste percurso existem os perigos que se inter cruzam no ato do fechamento de uma obra, pois o ato de escrever é uma possibilidade de morte. O escritor luta contra a morte todo o tempo de sua escrita. Para Kafka (2008) a arte está relacionada à morte porque esta é soberana, é o ponto extremo, o ápice. Toda a desorganização e despojo acerca dos manuscritos de Clarice constituem uma pista fundamental para uma interpretação mais ampla sobre a obra da escritora. As dificuldades e questionamentos encontrados pelos críticos e estudiosos sobre sua obra, revelaram-se como uma incógnita diante do desconhecido; no entanto, parece ser o que os instigou a perseguir os rastros em falso e as trilhas sinuosas e confusas a que a escritura dessa autora se propõe a representar. O fato de que as lembranças são necessárias para serem esquecidas, sugere ao pensamento o silêncio, que é o ponto neutro, porém, antes ou durante este processo de transformação, há um momento onde surge algo. Este algo pode ser, para o verso, uma palavra; ou o que traduz a experiência através do contato, da profundidade com as coisas e as pessoas, ainda que ela esteja e permaneça por um bom tempo no plano da indeterminação.

Neste espaço indeterminado surge a obra, atravessada por múltiplos vazios e interrogações. Estas são, por certo, a metáfora dos vaga-lumes, que Didi-Huberman em *Sobrevivência dos vaga-lumes* (2011) os compara àqueles escassos sobreviventes da Era Moderna, cujos aparecem e desaparecem no escuro, em movimento, sem a imobilidade das coisas e dos seres estáticos. Diferentemente das luzes da cidade que não se mexem, e imóveis



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

iluminam multidões, sem alcançar-lhes o âmago, as pequenas luzes esverdeadas representam o descontínuo, o inacabado, a saga humana em busca de esperança, de afeto, de experiências mais profundas. Nos manuscritos essa experiência se encontra mais próxima ao vazio que, no decurso da gênese, “ora é abismo onde a obra submerge, ora o impulso pelo qual ela se ilumina.” (Blanchot, 2011, p. 221). Esse vazio é o que parece instigar os geneticistas a buscar a auréola da obra, a qual se aflora com as descobertas contínuas que vão se processando ao longo de muitos estudos sobre sua origem, o que Blanchot (2011, p. 221) chama de “profundidade vazia e indecisa da origem.”

Barthes em seu *Diário de Luto* (2011) transmite a ideia de que a sobrevivência (luto) é uma ausência. Assim como ele, em sua ínfima sobrevivência martirizada pela morte da mãe, os manuscritos tem vivido seu luto, ao sobreviverem sob a resistência aos artifícios do mundo moderno, em um momento no qual a máquina controla os corpos e as mentes de uma sociedade que, acostumada a viver de ausências, tem emergido dos grandes focos de luz os quais ofuscam e cegam qualquer possibilidade de vida e sobrevivência dos arquivos e até mesmo, do próprio homem enquanto um artista de seu mundo.

Neste contexto de sobrevivências, o homem pós-moderno passa a experimentar um desejo pessimista de um fim sem memórias. Com toda a velocidade das informações e dos rojões de fogos que o instante anuncia (ironicamente) para retardar nosso sentimento de ausência, de luto, é possível viver de esquecimentos, já que este também é uma espécie de falta. Diz Barthes:

Porque teria eu vontade da mais pequena posteridade, do mais pequeno rasto, se os seres que mais amei, que mais amo, não a terão depois de eu ou alguns sobreviventes termos passado? Que me importa durar para além de mim próprio, no desconhecido frio e mentiroso da História, uma vez que a recordação da *mam* não durará mais que eu e dos que a conheceram e hão-de morrer por sua vez? Não quero um “monumento” só para mim. (Barthes, 2011, p. 204).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Poemas*. São Paulo: Global, 1992. p. 18.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

BARTHES, Roland. *Diário de Luto*. Tradução por Miguel Serras Pereira. Lisboa: 70, 2009.

_____. *Crítica e Verdade*. Tradução por Leila Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. *O poema do haxixe*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Aquariana, 2003. p. 28.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BORGES, Jorge Luís. *Ficções*. Tradução por Carlos Nejar. 7. ed. São Paulo: Globo, 1997. p. 109-117.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: Uma impressão freudiana*. Tradução por Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução por Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução por Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1972.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Disponível em: <http://livrosbpi.com>>. Acesso em: 08 de jun. 2011.

HAY, Louis. *A literatura dos escritores: Questões de crítica genética*. Tradução por Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

LERNER, Júlio. Entrevista na TV Cultura, com Clarice Lispector, no programa Panorama, em fevereiro de 1977. Disponível em: <http://cafehitoria.ning.com/video/1980410:Video:52310>. Acesso em: 14 agosto 2012.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

KAFKA, Francis. *Sonhos*. Tradução por Ricardo F. Henrique. São Paulo: Iluminuras, 2008.

NUNES, Benedito. *Nota filológica*. In: LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Paris, Association Archives de La Litterature Latino-Americaine, des Caraïbes et Africaine Du XXe. Siècle. Brasília, CNPQ, 1988. p 34.

POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Tradução por Oscar Mendes e Milton Amado. 4. ed. São Paulo: Globo, 2009.

PROUST, Marcel. *A la recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard, 2002.

VASCONCELLOS, Eliane. *Inventário do arquivo 5: Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1993.